

O Intérprete e o Autor em Psicanálise

*Conferência de Abertura do Simpósio 'Carlos Amaral Dias e o Nexus Psicanalítico'. Coimbra, 3 Outubro 2008**

António Coimbra de Matos

A psicanálise é a ciência da mente e relação humana, sua génese, evolução e transformações – saudáveis ou patológicas. Estudando a subjectividade e intersubjectividade, a motivação e a intenção estão no foco da sua pesquisa. Assim sendo, a descoberta e reconhecimento do impulso e finalidade, como do desejo e antecipação, desenham o projecto pessoal e montam a história relacional.

Acresce que tudo se joga na relação – interpessoal e intersubjectiva, explícita e implícita, bidireccional e partilhada; seja ela, a relação desenvolvimental ou involutiva, patogénica ou terapêutica, na vida ou na análise.

E se toda e qualquer relação é feita de ajustamentos, desajustamentos e reajustamentos; encontros, desencontros e reencontros corrigidos; momentos fecundos, traumáticos e mortos; acontecimentos previstos e imprevistos; sequências determináveis e indetermináveis; em condições de limpidez ou de névoa – uma coisa é certa: conhecer o que se passa intra e interspíquicamente, no sujeito e no par ou no grupo, é importante na vida e fundamental na análise.

* Este texto, por constituir a Conferência de Abertura do Simpósio é publicado aqui, na íntegra, excepcionalmente sem referências bibliográficas ou outra marginalia, na forma de conferência.

Logo, a função primeira do analista é compreender e interpretar – sentir, intuir, reconhecer e encontrar o sentido, a traduzir ou não em palavras. Por vezes, é preciso esperar para que o significado se expanda, discrimine e especifique; de quando em vez, é necessário guardar no íntimo de nós mesmos o significado apreendido para que o seu valor intrínseco ressoe, ganhe corpo e exprima forma e, uma vez encarnado (a alma embutida na carne), anime a relação da gente – e o agente que somos cada um de nós se afirme no compromisso relacional que gera e sustenta a nossa condição e natureza humana.

Destaca-se, assim, a segunda função do analista, a autoria. Como qualquer outro humano, não somos meros espectadores da vida de relação que levamos ou que se nos expõe, nem simples actores, receptores ou tradutores das forças biológicas que em nós habitam ou dos desígnios culturais com que a aprendizagem nos enformou. Somos criadores de novidade e construtores de novos/outros mundos de realização pessoal e colectiva; o Homem é o construtor do seu Universo de vivência, convivência e cultura.

O ANALISTA-INTÉRPRETE

Interpretar a realidade, mormente a realidade interna e relacional, não é, porém, traduzir para a linguagem de uma ou outra teoria já feita, consagrada ou não; é, sim, seleccionar os dados relevantes da observação e experiência, abstrair o considerado essencial, formular hipóteses, testá-las – verificando ou refutando a sua validade –, construir conceitos e desenvolver teorias nascentes – sempre provisórias e falseáveis –, mudar de paradigma se o resultado da prova assim o propuser, continuar a indagar, pensar e construir modelos; numa palavra, abordar o mundo, não com pensamentos já pensados, mas sim com pensamento pensante. É isto que distingue o investigador e pensador do executor treinado e do repetidor.

E porquê interpretação, e não constatação? Porque a realidade última é incognoscível; só conseguimos leituras interpretativas, mais ou menos próximas e fiáveis. O conhecimento que vamos adquirindo ou a adquirir é sempre incompleto e incerto, ou indeterminado – não sabemos sequer para e por onde dirigir a busca. Guiamo-nos por probabilidades – deduções, e mais ainda induções, estocásticas.

E se assim é na realidade física, muito mais o é na realidade psíquica. Procuramos na escuridão do inconsciente dinâmico e nas trevas do implícito; interpretamos disfarces e sombras.

Mas não estamos sós. A análise é um trabalho de colaboração entre analisando e analista. São duas mentes na busca da verdade relativa e temporária de uma (delas). Mais ainda: o grande analista, e desde logo o grande intérprete, é o próprio analisando; o psicanalista (tal como a mãe e o pai ou o mestre) é sobretudo o farol que vai iluminando o percurso investigacional do paciente.

A colaboração analítica e interpretativa é, por conseguinte, importante, mesmo fundamental. São duas visões discriminantes e reflexivas sobre os mesmos fenómenos e acontecimentos mentais e relacionais, intra-subjectivos e intersubjectivos, que varrem, perscrutam e comparam factos psíquicos e enredos mentais nos três sistemas relacionais desenvolvimentistas e estruturantes da vida, expansão e destino do analisando – passado infanto-juvenil, presente significativo e relação analítica. São dois aparelhos mentais que processam a informação declarada e infra-liminar, qualificam as substâncias produzidas e permutadas, destilam as essências, filtram os elementos espúrios e eliminam os resíduos tóxicos ou inaproveitáveis. São duas pessoas reunidas pelo mesmo desejo – aumentar a capacidade de se conhecerem a si próprios e conhecerem o outro – e movidas pela mesma intenção – amar em harmonia com a necessidade do outro, criar em função dos vazios da cultura, crescer em coerência com a sustentabilidade do meio.

Utopia? Não creio. Sabemos, hoje em dia, que a cooperação é o factor real do desenvolvimento equilibrado, seja ele biológico, económico ou social. E não, como alguns teimam em pensar, a competição.

Mas quantos advogados do demónio existem ainda mesmo entre nós, psicanalistas. Imposição da transferência negativa, aprendizagem pela dor, frustração e sofrimento, radicalidade do instinto de morte, rituais de submissão e exercícios de autoridade são apenas as escórias vestigiais da penitente cultura de feiticeiros e escravos.

Liberdade é a palavra de eleição. Livres para gozar, sonhar, construir, viver; livres para transmitir e legar cultura. Só assim seremos nobres, valiosos e simbolicamente imortais – fica a obra, a memória e o entusiasmo.

DA AUTORIA

Analisando e analista são agentes do processo analítico. A agência é o fulcro da cura analítica.

A passividade e o seu requisitado e ingenuamente oferecido complemento – a indução sugestiva – são o cancro da psicanálise; a dependên-

cia regressiva e a doutrinação (seu par complementar), a peste psicanalítica [não a de que falou Freud na sua viagem aos Estados Unidos da América – essa era a chama da libertação].

Ser agente e não apenas reagente é condição sine qua non de uma relação viva, produtiva e expansiva. O analisando, em regra e pela sua própria patologia e posição de quem precisa de ajuda, tem uma maior ou menor inibição da iniciativa e acção. Compete ao analista ser o catalisador da agenciamento do processo.

Catalisador quer dizer que activa a cadeia de acções-reacções sem se consumir nem alterar. O que, no caso da análise, não é inteiramente verdade. A transformação-mudança que se pretende e deve obter é essencialmente no/do analisando. Todavia, ela acontece também no analista. Este, na medida em que aposta e se empenha na cura – e sem isso esta não seria uma relação humana, real e eficiente (por muito que pese a fanática ilusão do “analista-espelho” ou personagem “como se” – como se fosse o pai, a mãe, etc – ou a ideia de relação analítica como uma ficção imaginária ou abstracção simbólica) –, o analista, dizíamos, também muda, aprende e cresce. Só no insucesso analítico o analisando sai mais doente e o analista mais estúpido.

Queria, agora, dirigir a atenção – a minha e a vossa – para aquilo que, em minha opinião, é o mais importante, e até evidente, no âmbito da cura analítica: o carácter específico, único, novo, criativo e criador do produto/resultado analítico. A análise, quando verdadeiramente o foi, produz efeitos imorredouros, dinâmicos e propulsivos em ambos os parceiros do par analítico. A relação analítica formal tem um tempo de vigência; mas deixa sementes que continuam a germinar, produzindo plantas, que florescem e frutificam. A relação analítica, se genuinamente o foi, é uma relação seminal – como outras na vida: a relação filial, as relações amorosas e de amizade profunda, a relação parental, de mestre-discípulo, religiosa, estética ou ética. Na prática, elas terminam; no íntimo, perduram. À superfície da memória, esmorecem; medularmente, a sua seiva circula e alimenta outras/novas relações. É vida em potência que gera mais vida em actualidade. O fim da análise é um acabamento aberto: deixa valências insaturadas para outras e outras ligações, atracões magnetizados para novas e novas conquistas, perguntas e perguntas para diferentes respondedores, memórias de amores e desamores saldadas a tecerem rumos e percursos amorosos e outros mais fecundos e inovadores.

Cada relação analítica leva a assinatura do par analítico específico – é obra da criação a dois, em relação complementar e insaturada; e,

por isso, fértil e fertilizante. Como, analogamente, a vera obra de arte: desperta criatividade no desfrutador sensível.

O meu analista não é a minha alma gémea, nem vivo em comunhão identitária com ele; não é também o meu Ideal do Eu nem o meu modelo de identificação. Mas foi uma referência importante no meu modo de reflectir e pensar, tal como outras pessoas significativas da minha vida – mestres, companheiros, amantes, alunos e pacientes –, promovendo abertura à consideração de pontos de vista outros, complementares ou discordantes, alternativos ou divergentes, mas sempre fonte de enriquecimento epistémico e estímulo para interrogar a realidade, externa e interna, pessoal e relacional.

É que o desenvolvimento identitário que a análise pretende e promove é no sentido da identificação idiomórfica, e não no da identificação imagoico-imagética ou da alotriomórfica – rumo à diferenciação desenvolvutiva e contra a corrente mimética, olhos postos na produção de conhecimento e não o traseiro sentado na almofada do mito, pela distinção diacrítica e em oposição à massificação protopática.

De igual modo, a mudança no estilo relacional é na direcção da diversidade afinada à circunstância, e não da uniformidade pastosa do socialmente correcto. No lugar do rito colocar a espontaneidade; do dogma, a razão crítica; da crença, a dúvida.

Pensar não é só equacionar e resolver problemas, é sobretudo levantar questões, pôr dúvidas e formular hipóteses. Pensar é discernir, não é ruminar – o homem pensa, abstrai e conceptualiza; o boi rumina, volta a saborear e baba-se.

Desde muito cedo, o ser humano, ser relacional por apetência – em contínua construção de si mesmo e do seu mundo de relação com todas as coisas e todos os seres, os seus congéneres preferencialmente, destes, os seus objectos eleitos em particular – e ser racional por determinação – em fluente criação de novos mundos de significado, representação simbólica e realização transformadora, estávamos dizendo, o ser humano estrutura-se e afirma-se como ser de intenção e pensamento.

Assim assumido, autoriza-se, outorga-se o direito de escolher o seu destino e de pensar o destino do mundo, dos humanos em privilégio, sobretudo daqueles de quem cuida ou quer cuidar. Reparem que o desenvolvimento exponencial da sociabilidade na espécie humana tem origem na actividade de cuidar, prestar ajuda, ensinar; e, a seu tempo, ser retribuído pelas suas dádivas.

Contracto social? Não. Concern – consideração pelo outro, pela sua necessidade e pelo seu desejo. Empatia e compaixão – pensar com, sen-

tir com, estar com (weness).

Então, na onda de paixão pela vida, amor pelo outro e entusiasmo pelo saber, surgem mais, outras e novas ideias – as partículas do conhecimento –, que circulam, confluem, divergem, associam-se e ramificam, estabelecendo múltiplas conexões, que por sua vez dão origem a novos nexos de sentido; o Homem pensa, é autor – atreve-se a ser autor.

Mas que seria do homem e da mulher, da criança ou do velho, se não fossem atrevidos. Pastavam, como os carneiros.

O analista-analista partilha emoções e participa activamente com os seus pensamentos – pensa com e para o analisando. Está lá, presente, de corpo e alma inteiros.

Mais: o seu vigor mental transborda para fora das sessões – fala, comunica, convive, escreve, produz. Porque, amigas e amigos, o autor de cubículo acaba a dialogar com o próprio umbigo; e, quando analista, esquece-se que o analisando existe e que tem direito a voto.

Se tem! É ele que, em primeira e última instância, deve decidir da sua vida. O respeito pela liberdade e livre arbítrio dos pacientes é sagrado ou ponto de honra do analista.

O maior orgulho de todo o analista que se preze é saber que cada um dos seus analisados seguiu o próprio caminho, em qualquer das esferas da sua vida. E o seu maior prazer é comprovar que em nada influenciou as determinações de cada um; só os ajudou a afinar as próprias bússolas.

O analista não paira no firmamento como um deus; é incorporado como processo de conhecimento relacional implícito e agencialidade transformadora. Se tiver sido brilhante, honesto e caloroso, permanece como força de lucidez, esperança e entusiasmo.

CRIAÇÃO

A criação é o crepitar do silêncio na relação de intimidade com o objecto interno.

Se exceptuarmos o originário Criador ou o supremo Arquitecto, consoante os credos, os restantes, nós, modestos mas reais criadores, criamos na relação a dois; a criação a sós resulta no delírio, a criatividade das massas é a bagunça.

Só o par é verdadeiramente criativo. O novo brota do cruzamento intencional, é uma propriedade ou substância emergente da inter-intencionalidade.

Nós não somos meras máquinas desejan-tes. A reunião de desejos bi-unívocos ou justamente complementares conduz à fusão: com dissolução da identidade e atingindo o grau zero da motivação.

É no destino teleológico – só vislumbrado e visado pela intenção – que assenta o enamoramento pela vida. Somos seres intencionais.

A Beleza está para além do horizonte; e somos todos marinheiros “por mares nunca dantes navegados” (Camões) – ou não somos ninguém.

Criar é, pois, a palavra de ordem.

O paciente vem com uma história. Narra-nos várias estórias. Com ele, construímos uma nova história, que começa ali, na nova relação – sanígena e desenvolvutiva –, filha legítima da relação analítica de autenticidade. Novo estilo de relação – mais aberto, profundo e expansivo – que progressivamente o analisando transfere para a sua vida diária.

Assim muda, assim cresce e assim se transforma e transforma o mundo objectal em que se insere.

Analista, analisando e processo transformacional (transformativo e transformador) constituem a trindade psicanalítica.

Ao Carlos Amaral Dias ofereço este seu retrato, na minha interpretação e com traço da minha autoria – na mais serena e atenta observação, em discreta mas vincada representação.

Não é uma homenagem. É um testemunho.